



A INTRODUÇÃO DOS ESTUDOS SOBRE AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E CULTURA AFRO-BRASILEIRA NO ICT UNIFESP

Zuleika Stefânia Sabino Roque¹

Cléber Santos Vieira²

Resumo: O presente trabalho visa compartilhar a experiência de como se deu a implementação da Lei 10639 no Instituto de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal de São Paulo, através da oferta da Unidade Curricular denominada Relações Étnico-Raciais e Cultura Afro-brasileira; apontar quais foram as motivações internas e externas ao campus, que especificidades marcaram esse processo, bem como delinear quais foram os principais referenciais teóricos e metodológicos que têm sustentado não somente a oferta de uma disciplina como também uma agenda de atividades e de engajamento para a educação étnico-racial e consequentemente a luta contra o racismo institucional.

Palavras-Chave: cultura; ciência; tecnologia; memória; currículo.

THE INTRODUCTION OF ETHNIC-RACIAL RELATIONS AND AFRO-BRAZILIAN CULTURE STUDIES IN THE ICT UNIFESP

Abstract: The present work aims to share the experience of how was the implementation of Law 10639 at the Institute of Science and Technology of the Federal University of São Paulo, through the offer of the Curricular Unit called Ethnic-Racial Relations and Afro-Brazilian Culture. It also seeks to identify the internal and external motivations of the campus, which specificities have marked this process, as well as to outline the main theoretical and methodological references that have sustained not only the offer of a course but also an agenda of activities and engagement for ethnic-racial education and, consequently, the fight against institutional racism.

Keywords: culture; science; technology; memory; curriculum.

L'INTRODUCTION DES ÉTUDES SUR LES RELATIONS ETHNICO-RACIALE ET CULTURE AFRO-BRÉSILIEUNE DANS L'ICT UNIFESP

Résumé: Ce travail a pour but de partager l'expérience de comment était la mise en œuvre de la loi 10639 dans l'Institut de Science e Technologie de l'Université Fédérale de São Paulo, travers l'offre de cours Unité Curriculaire intitulé Relations Rthniques-Raciales et la Culture Afro-brésilienne; apponter quelles étaient les motivations internes et externes au campus, qui spécificités marqué ce processus, ainsi que décrivant quels étaient les principaux cadres théoriques et méthodologiques qui ont soutenu non seulement l'offre d'une discipline comment aussi un calendrier des activités et de l'engagement à l' éducation ethnique-raciale, et par conséquent la lutte contre le racisme institutionnel.

¹ Licenciada, Bacharel e Especialista em História pela Universidade do Vale do Paraíba; Mestre e Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Professora Visitante do Instituto de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal de São Paulo e membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da UNIFESP. stefania.sabino@unifesp.br

² Graduado e Mestre em História pela UNESP/Franca; Doutor em Educação pela USP; Professor Adjunto do Departamento de Educação da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da UNIFESP e membro do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da UNIFESP. cleber.vieira@unifesp.br



Mots-clés: culture; la science; la technologie; la mémoire; programme d' études

LA INTRODUCCIÓN DE LOS ESTUDIOS SOBRE LAS RELACIONES ÉTNICO-RACIALES Y CULTURA AFRO-BRASILEÑA EN EL ICT UNIFESP

Resumen: El presente trabajo visa compartir la experiencia de cómo se construyó la implementación de la Ley 10639 en el Instituto de Ciencia y Tecnología de la Universidad Federal de São Paulo, a través de la oferta de la Unidad Curricular denominada Relaciones Étnico-Raciales y Cultura Afro-brasileña; enseñar cuáles fueron las motivaciones internas y externas al campus, qué especificidades fijaron este proceso, bien como delinear cuáles fueron los principales referenciales teóricos y metodológicos que ha sustentado no solamente la oferta de una disciplina como también una agenda de actividades y de esfuerzos para la educación étnico-racial y consecuentemente la lucha contra el racismo institucional.

Palabras-Clave: cultura; ciencia; tecnología; memoria; currículum.

INTRODUÇÃO

O Instituto de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal de São Paulo, está localizado no município de São José dos Campos, interior de São Paulo, referência no setor de Ciência e Tecnologia, cuja história articula suposta vocação industrial, posteriormente por conta da adesão a projetos sanitaria relacionado ao tratamento da tuberculose acentuou-se uma construção discursiva de cidade relacionada à saúde, que no pós segunda guerra foi substituída pelo setor aeroespacial e industrial, a partir de grandes investimentos; sendo hoje um polo tecnológico importante para o Estado de São Paulo e o país.

Ao iniciar suas atividades em São José dos Campos, a UNIFESP ofertou dois cursos de graduação: Ciência da Computação (2007) e a Matemática Computacional (2009). Foi a partir de 2011 que ocorreu a implantação do Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia, e foi baseado em seu projeto político pedagógico de cunho interdisciplinar que algumas disciplinas passaram a ser oferecidas, dentre elas a de Relações Étnico Raciais e Cultura Afro-brasileira e a de Direitos Humanos e Multiculturalismo.

Embora as ementas das unidades curriculares já existissem e estivessem presentes desde 2011, a falta de docente para ministrá-las foi um fator determinante para que sua oferta fosse levada a cabo. O presente artigo tem como propósito compartilhar como se deu o início desse trabalho, pontua as principais motivações internas e externas ao campus, que foram essenciais para que a efetivação das leis 10639/11645 fossem



efetivadas no Instituto e como tem sido a aceitação do trabalho, os limites, bem como as possibilidades de desdobramentos.

O objetivo foi propiciar condições para o aluno discutir a presença da diferença, da diversidade na sociedade, numa abordagem pluriétnica, multicultural e multidisciplinar, tomando como desafio possibilidades mais democráticas de tratar a diferença, o outro no cotidiano e, ainda, favorecer o aprofundamento da temática da formação cultural brasileira questionando as leituras hegemônicas da nossa cultura e de suas características, assim como das relações entre os diferentes grupos sociais e étnicos, bem como as implicações para o trabalho e desenvolvimento.

O PONTO DE PARTIDA

A primeira ação específica voltada para o campo da educação para as relações étnico raciais, deu-se no segundo semestre de 2015, quando a coordenação do BCT ofertou na grade de Unidades Curriculares RERCA- Relações Étnico-Raciais e Cultura Afro-brasileira; na ocasião não houve nenhuma inscrição, evidenciando o quão a discussão estava distante dos alunos.

É fato, que como reflexo e herança cultural, muitos Institutos que se dedicam à formação na área de conhecimento das Ciências Exatas, cultiva-se um forte hiato entre Humanas x Exatas como sendo inclusive áreas opostas; sabe-se que essa visão fragmentada de conhecimento demonstra uma dificuldade de diálogo nas fronteiras que todas as ciências possuem, portanto, o ICT não é um caso isolado na manifestação desse tipo de comportamento e entendimento sobre o lugar e importância que ocupam todas as disciplinas.

Mesmo assim, as unidades curriculares obrigatórias do curso são apenas duas a saber: Ciência, Tecnologia e Sociedade e Ciência, Tecnologia, Sociedade e Ambiente; ponto alto de reflexão e desenvolvimento de senso crítico aos alunos que se identificam e conhecem a fundo a proposta interdisciplinar do curso e por outro lado, ponto de interrogação e evidente hierarquia na constituição de currículo, que define disciplinas catedráticas e outras são consideradas marginais.



Mediante a esse público e à essa condição no momento da efeméride do 20 de novembro, quando se discute a Consciência Negra, foi proposta uma programação com o intuito de inserir a discussão sobre as relações étnico-raciais no ICT, para sensibilização e construção de uma agenda de atividades nas quais fosse considerado o perfil dos alunos com o objetivo maior de re oferecer a unidade curricular e conseguir adesão por parte dos estudantes. A programação contou com Rodas de Conversa, Palestras, Apresentações Musicais e de Capoeira.³

Os “Encontros com a Cultura Afro-Brasileira” foram promovidos com apoio do Núcleo do Apoio ao Estudante (NAE), da Secretaria de Extensão, do programa Mais Cultura, do Coletivo (na época denominado Sem Nome, hoje, Conectivo) e da Bateria Universitária (recém formada e que hoje é denominada CodeBloco); pode-se dizer que além da coordenação pedagógica do Bacharelado em Ciência e Tecnologia, e do Projeto de Extensão Head Talks, esses foram os principais parceiros e motivadores internos do movimento que culminou na formação da primeira turma de Relações Étnico Raciais e Cultura Afro-Brasileira.

Na programação acadêmica, contou-se com pesquisadoras do Laboratório de Pesquisa e Documentação Histórica do Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento da Universidade do Vale do Paraíba - UNIVAP discutiu-se o contexto pós abolicionista com recorte geográfico da região do Vale do Paraíba, considerando que a maioria dos alunos da universidade são destes municípios. O segundo encontro discutiu o tema: Cotidiano e resistência. A observação feita a partir da participação dos estudantes nessas atividades, demonstrou o quão a história do negro no Brasil ainda é ensinada apenas sob a ótica da escravidão e a partir de grandes generalizações; outro ponto importante foi o desconhecimento sobre a existência de métodos de pesquisa em História e nas Ciências Humanas como um todo; à medida em que as pesquisadoras articulavam dados

³ Há de se considerar que as condições de acesso ao campus universitário com escassa oferta de transporte público não são favoráveis para quase que a totalidade de atividades ofertadas por todas as agremiações estudantis, entidades, projetos e programas de extensão. Por essa razão, os horários do almoço e do jantar são eleitos como estratégicos para alcançar quórum; no almoço o enfoque maior é sobre as turmas do integral e no jantar busca-se atingir tanto os alunos do integral quanto os do noturno, em uma espécie de pré-aula; porém, essa estratégia só obtém resultados positivos graças a práticas como carona solidária e engajamento em atividades como a bateria universitária, times, coletivo, centro acadêmicos, etc. Iniciativas buscando maior adesão às atividades culturais têm sido desenvolvidas na universidade, com grande efervescência, desde que o campus foi instalado no Parque Tecnológico, como o Programa de Extensão Mais Cultura, o qual mostrou-se sensível ao esforço para viabilizar a discussão das relações étnico-raciais no Instituto.



estatísticos atuais com dispositivos legais e fontes documentais como por exemplo cartoriais, eclesiais, o volume de perguntas foi crescendo.

O encerramento das atividades deu-se com uma mesa redonda “Políticas Públicas: desafios e perspectivas” com a Diretora do Departamento de Igualdade Racial; o Professor Coordenador do Núcleo Pedagógico da Diretoria Regional de Ensino de SJC; essa atividade não contou com público, mas colocou-nos diante de um quadro de enorme incômodo; os dados apresentados sobre uma pesquisa intitulada:” Breve análise das representações de professores de História da Rede Pública de ensino em relação à Lei 10.639”; com as informações apresentadas sobre a construção de políticas públicas municipais de promoção de igualdade racial; evidenciaram que qualquer pequeno avanço precisa ser valorizado e mais do que isso, que só através da cooperação entre todos que levam a cabo essa causa é que iremos conquistar espaços; que é preciso identificar brechas, criar estratégias e resistir, cavando espaço e re-inventando a todo instante novas formas de luta.

Figura 1. Materiais de Divulgação dos “Encontros com a História e Cultura Afro-Brasileira”

**ENCONTROS COM A
HISTÓRIA E CULTURA
AFRO-BRASILEIRA**

Terça-feira dia 10 às 17:30h sala 305

Bate papo com a Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida Ribeiro Chaves Papali, Coordenadora do Laboratório de Pesquisa e Documentação Histórica do IP&D-UNIVAP, Pesquisadora do Pró-Memória São José dos Campos.

Tema: Pós Abolição no Vale do Paraíba.

Para entender o presente, é necessário olhar para o passado de luta e de resistência dos afrodescendentes.

às 19h - Roda de Capoeira
com mestre Lobão e convidados na frente da cantina ICT - Unifesp

Organização
Profa. Dra. Zuleika Stefânia Sabino Roque

Apoio

CONNECTIVE

NÚCLEO PEDAGÓGICO ESTUDANTE



Nesse sentido de resistência, de utilizar networking e de fazer um trabalho dentro do que é possível, sem idealizar um público “interessado” e sobretudo, compreendendo que esses estudantes, embora tenham cursado todos ensino fundamental e médio dentro da vigência da Lei 10.639, ainda não tiveram acesso a informações de grande relevância, não tiveram oportunidade de discutir e de construir conhecimentos capazes de quebrar paradigmas e de avançar para analisarem o quão a falta de representatividade do povo negro em ambiente como a universidade já basta, por si só, para catalisar uma série de discussões que provam o hiato que existe no Brasil e o quão o mito da democracia racial e o discurso fortalecido de meritocracia precisam ser desconstruídos.

Avaliando-se o saldo dos Encontros com a História e Cultura Afro-Brasileira, foi possível perceber que o desconhecimento histórico estava presente e que a questão cultural e esportiva era a abertura encontrada. Durante o desenvolvimento dos



Encontros, notou-se um grande esvaziamento das atividades por conta da realização de um evento esportivo (InterUnifesp) e as atividades começaram com um público pequeno e terminaram com um dos encontros com apenas um estudante. Ficou nítida a preferência do público curioso e participante por atividades esportivas. E a partir dessa percepção, novas estratégias foram desenvolvidas paulatinamente, considerando esse aspecto.

Uma análise crítica sobre os propósitos do evento de imediato, e a curto, médio e longo prazo, apresentaram indicadores segundo os quais a discussão sobre a temática racial se mostrava sem aderência e seriam sim, através da música e do esporte que deveria ser feito o chamariz, as intervenções pedagógicas. Esse é o contexto pedagógico do qual no qual estamos nos debruçando e atividades desencadeadas a partir desse escopo poderiam ecoar e sensibilizar para questões complexas e políticas necessárias para a educação para as relações étnico raciais. Tal situação causou estranhamento e um certo desconforto no sentido de encarar que a princípio seria através de efemérides e a partir de estereótipos falsos de inclusão do negro em espaços como o esporte e a música seriam utilizados como mola propulsora.

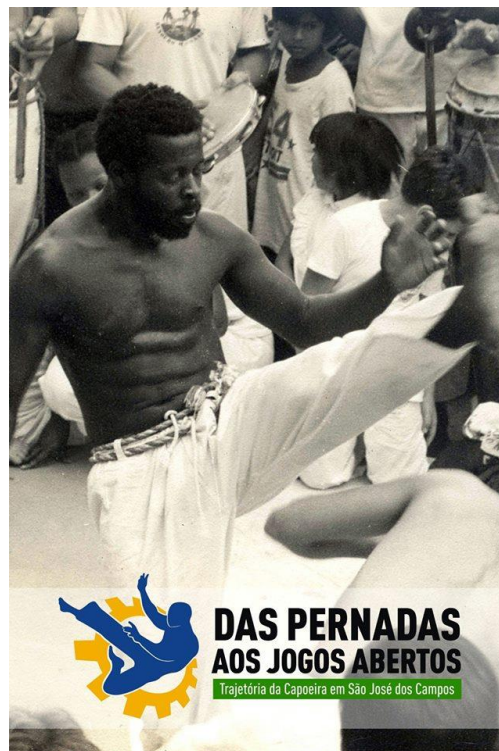
O RE-COMEÇO

Através de uma parceria com a Secretaria de Esportes e Lazer da Prefeitura Municipal local, solicitou-se o empréstimo do acervo referente a Exposição denominada “Das Pernadas aos Jogos Abertos: Trajetória da Capoeira em São José dos Campos”; pesquisa realizada em ocasião à Primavera dos Museus de 2013 que trouxe como temática a Cultura Negra. Tal exposição foi concebida de forma interativa e considerando que tanto esporte quanto música eram atividades com peso maior entre os estudantes, inaugurou-se a exposição no espaço que se tornaria futuramente o “Espaço Mais Cor”.

Um prédio branco, com nenhuma decoração, contando com biombos com recados para os estudantes e uma área reservada ao que viria ser o Museu/Parque de Ciência e Tecnologia, era essa a descrição do térreo do prédio de quatro andares que abriga a Unidade Parque Tecnológico do ICT Unifesp. Em uma tarde, biombos concentrados em uma área, totens do museu abrigaram a exposição número zero do

Mais Cor. Fotografias de capoeiristas da década de 60 até competições recentes, redes, cordas, berimbau, atabaque, pandeiro trouxeram tímida cor e som.

Figura 2. Materiais da Exposição emprestado pela S.E.L à UNIFESP



Estranheza, observação e aos poucos o contato com o material foi se tornando mais recorrente. Junto dessa iniciativa de trazer a exposição, outras duas foram desenvolvidas concomitantemente: a introdução de aulas de capoeira aos adeptos de esportes e de toques de Berimbau, envolvendo estudantes da Bateria Universitária; atividades que foram viabilizadas graças à parceria informal com a Academia Besouro

Mangangá fundada e dirigida por Mestre Lobão que atua há 45 anos no município, que colocou à disposição da universidade, alunos formados desenvolvendo trabalho voluntário.

A LUTA QUE É DE TODOS: PARCEIROS EXTERNOS

Além de todos os motivadores internos supracitados, é necessário ressaltar a grande mola propulsora que contribuiu para o desdobramento de ações e engajamento dos alunos, quando, em dezembro de 2015, a trajetória de um grupo de docentes da Unifesp que já travavam a luta pela criação do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros na instituição, foi sistematizada dando origem à comissão pró-NEAB Unifesp. O ponto alto dessa institucionalização ocorreu no Campus Guarulhos contando com representantes de outros campus e a presença do Prof. Paulino de Jesus Francisco Cardoso que compartilhou a trajetória do NEAB da UDESC, com sua missão, visão, parceiros; programas e projetos desenvolvidos como extensão e as linhas de pesquisa que estão em desenvolvimento.

Portanto a Comissão Pró-NEAB, hoje Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros reconhecendo a importância do enfrentamento do racismo, da educação para as relações étnico-raciais, identificando a necessidade de dar visibilidade às várias pesquisas que já foram e que estão sendo desenvolvidas na Graduação, Pós Graduação e nas várias atividades extensionistas, embora mais centralizadas no Campus Guarulhos, dada suas características e oferta de cursos, compartilhou e chamou representantes dos demais campus para somar esforços e dadas as especificidades de cada um deles, garantir que essa rede de pesquisadores fortaleça a luta anti-racista, educando para as relações étnico-raciais.

Figura. 3 Logotipo do NEAB Unifesp





A agenda de atividades planejada para o primeiro semestre de 2016, manteve a oferta das aulas de Capoeira no ICT e promoveu um evento, contando com a presença de Professores de Guarulhos e de Alunos do Núcleo Negro, expondo lutas, avanços e desafios enfrentados pela Universidade, que mostraram-se muito distantes dos conflitos e enfrentamentos vivenciados no Campus São José dos Campos, onde a maioria esmagadora dos alunos é branca, com condições de renda diferentes das compartilhadas pelos alunos que ali traziam suas experiências marcadas pelo racismo estrutural.

Discussões sobre a questão das cotas, da importância da representatividade, do lugar da fala, da (des)construção discursiva e a certeza de que a temática relações étnico-racial é para todos e que há dispositivos legais que asseguram sua legitimidade foram o saldo desse encontro, onde tantas diferenças se mostraram, mas o denominador comum: a universidade como lugar da diversidade reforçou neste momento a importância da oferta de uma unidade curricular (mesmo que sendo eletiva) sobre a questão racial.

Figura 4. Cartaz de Divulgação e Registro Fotográfico produzido pelos alunos do Head Talks



Desse modo, o segundo semestre de 2016, foi marcado pela oferta de duas Unidades Curriculares que se articulam direta e indiretamente com os propósitos do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiras da Unifesp: “Direitos Humanos e Multiculturalismo” e “Relações Étnico-Raciais e Cultura Afro-Brasileira”, a primeira foi ofertada como interdisciplinar e a segunda como específica.



A CONSTRUÇÃO DE UM NOVO OLHAR PEDAGÓGICO: ANDANÇAS E REFLEXÕES

A ementa de ambas contou com a discussão sobre a questão étnico racial e apresentou indicadores interessantes, porém, me debruçarei de modo específico sobre a UC RERCA, considerando que foi uma turma menor, que foi motivada pela discussão específica e compartilhar como os referenciais teóricos e metodológicos usualmente utilizados em cursos de licenciatura, cursos de extensão e de pós graduação na área de Humanas, que era meu *metier*, tiveram de ser revisitados, reconstruídos, para que o trabalho fosse desenvolvido atendendo as expectativas dos alunos e ao mesmo tempo fazendo provocações capazes de motivá-los a pesquisas e protagonismo para intervenções no campus que ecoassem nossas discussões, feitas em apenas 36 horas/aulas.

Figura 5. Prof. Dr. Cléber Vieira (NEAB) e Diretora do Departamento de Igualdade Racial Rosa Miranda



O apoio de docentes do campus de Guarulhos foi um fator determinante para o sucesso das atividades desenvolvidas na Unidade Curricular, não só na vinda deles à São José dos Campos, como também no acolhimento dos alunos em atividades desenvolvidas pelo NEAB de lá. Momentos em que tiveram oportunidade de vivenciar discussões: “Cotas e cotistas” e “Universidade, sofrimento psíquico e negritude”, momentos nos quais puderam explicar as especificidades do campus SJC e até mesmo apresentar a realidade de que mesmo estando em um campus marcado pela maioria esmagadora branca, desejavam se apropriar da discussão sobre as relações étnico-



raciais, mesmo que a legitimidade do lugar de fala fosse (e foi) questionada; pois, a partir dessa vivência, conheceram de forma prática o conceito de racismo estrutural.

A descoberta de vários conceitos e o aprendizado deles foi construído muitas vezes a partir de situações cotidianas, como a desafiadora realidade com notícias sobre o suicídio de três universitários negros da Unifesp de Guarulhos, diante da morte, do silêncio que evidenciaram o racismo institucional, reflexões muito pertinentes foram desenvolvidas com o protagonismo dos alunos, articulando dados com a Pró Reitoria de Assuntos Estudantis e aproximando-os do Núcleo de Apoio ao Estudante.

Se, o início de todo um trabalho de sensibilização, visando a conscientização e a implementação da Lei 10.639 não a partir da simples oferta de aulas expositivas sobre a história do negro no Brasil, deu-se através das atividades esportivas, especificamente com o grupo de Capoeira, foi também o esporte um elemento importante de revelação das práticas de racismo entre o pequeno, e importante grupo com o qual se desenvolveu o trabalho. Quando, durante o InterUnifesp, competição esportiva muito esperada pelos estudantes, uma situação de racismo foi vivenciada e na sequência, tanto em redes sociais, como o próprio espaço da sala de aula rendeu significativas reflexões, levando a percepção de que até mesmo em campos onde se convencionou com certa naturalidade afirmar como democráticos, reforçando-se ícones-atletas, no momento da competição, a suposta igualdade cai por terra. Exemplos como o de Grafite, Aranha e outros futebolistas vieram à tona e ajudaram no sepultamento da ideia de democracia racial e na identificação do racismo institucional.

A discussão teórica realizada durante as poucas aulas (total de 36 horas), promoveu como principal desafio, a discussão sobre a memória como campo de poder, nos dois primeiros encontros uma densa bibliografia foi apresentada a partir de aulas expositivas, onde apresentou-se a essência de alguns autores (Nina Rodrigues, Gilberto Freire, Darcy Ribeiro, Florestan Fernandes, Kabengele Munanga, Emília Viotti da Costa, Sérgio Buarque de Holanda, Marilena Chauí, Clóvis Moura, Hanah Arendt, Raymond Williamns, Déa Fenelon Ribeiro, Zilá Bernd, Henrique Cunha Junior); dispositivos legais (Legislação do século XIX, Constituição Federal, LDB e por fim a Lei 10.639) e dados estatísticos além de manchetes e notícias da atualidade bem como de produções do início do século XX, da Imprensa Negra.



Algumas das provocações foram a apresentação do censo da década de 80 revelando o apontamento de 136 “cores” para o povo brasileiro, os audiovisuais “Qual a cor da minha pele”; a propaganda da Caixa Econômica Federal sobre Machado de Assis; os filmes “Quanto vale ou é por quilo?” e “Que horas ela volta?”, todas elas não só renderam boas discussões como motivações para pesquisas que foram compartilhadas entre o grupo em ambiente virtual, gerando comentários que evidenciaram o grau de participação dos estudantes mesmo fora da sala de aula.

O caso do estudante Cleidison, do ensino fundamental de uma escola pública do Rio de Janeiro que afirmou após a realização de uma atividade pedagógica: “Estou cansado de só ver personagens brancos”, depois de ter colorido a Turma da Mônica em prova. Foi o gancho para a apresentação da forma de avaliação da unidade curricular, que contaria com um instrumento individual, que daria origem a um portfólio individual e outra, em grupo, que seria definida de acordo com as reflexões semanais, concatenando tópicos discutidos ao longo dos dois bimestres.

Questionou-se o conhecimento que os estudantes possuíam sobre ciência e tecnologia africana e afro-brasileira. E, mediante a um silêncio, apresentou-se a provocação, de como eles, como futuros bacharéis em Ciência e Tecnologia ou alunos de cursos de Engenharia, poderiam a partir do conhecimento que possuem de tecnologias de informação, contribuir para a visibilidade dos saberes de origem africana. Percebendo assim no cotidiano a realimentação de representações que reforçam forças hegemônicas e como são feitos vários usos da memória, como se dá a relação de disputa constante entre grupos sociais. Buscar outras memórias, permite a construção de novas histórias, é preciso fugir do inferno das generalidades.

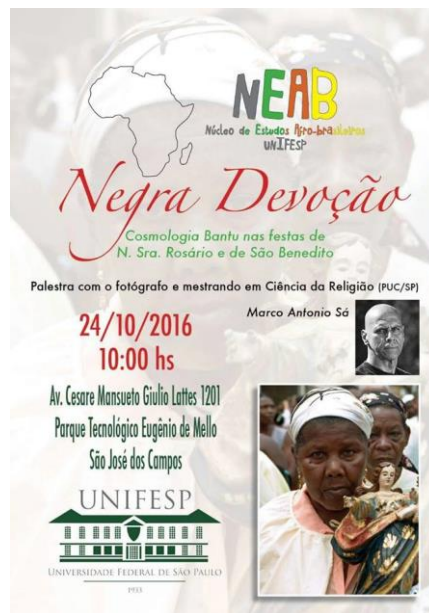
REDES SOCIAIS COMO ESPAÇO DE INTERCÂMBIO

Uma ferramenta importante foi a rede social Facebook, através dela se criou uma página denominada NEAB ICT que procura ventilar as discussões realizadas no campus, tais como palestras, rodas de conversa, aulas abertas e replicar convites do NEAB Unifesp envolvendo demais campus. Através desta ferramenta, pesquisadores têm entrado em contato, se aproximado e proposto atividades, como por exemplo a



Palestra e Exposição “Negra devoção: Cosmologia Bantu nas Festas de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito”, que foi possível graças à parceria com a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura; além desta ação, houve a oferta do Curso de Extensão em parceria com o Museu do Folclore, “A presença da cultura afro-brasileira no Sudeste: Jongo, Batuque e Reinado/Congado”, durante o mês de novembro de 2016.

Figura 6. Material de divulgação de Palestra sobre Religiosidade Africana



Ainda ressaltando a importância de redes sociais como ferramentas metodológica, um grupo fechado foi um espaço de suma importância para o desdobramento das atividades que ocorriam em sala de aula e como espaço de compartilhamento de materiais que demonstravam os conhecimentos tanto prévios quanto os que eram fruto da pesquisa deles. Desse modo, contribuições como “Tecnologia africana na formação brasileira” de Henrique Cunha Junior, recursos audiovisuais como “Negro ou Preto?” com o depoimento de Nabby Clifford ; clips de RAP como o “Lua Negra” do Negro E; recorte de gênero trazendo a militância de jovens como Letícia Rafaella e Aline; a situação do negro na construção civil, denunciada e representada pelo Grupo de Teatro Malinês Benkadi , a campanha do Governo do Paraná, a partir de um teste com profissionais de RH, tal material tornou-se viral nas redes, denunciando o racismo no trabalho, bem como textos como “Sobre



como ser o único negro do rolê: uma carta nada pessoal aos meus amigos brancos”, de Jay Viegas.

O PROTAGONISMO DOS ALUNOS E A “EXPERIÊNCIA”

Os alunos elegeram como trabalho em grupo a análise do racismo institucional, com o intuito de identificar as práticas do racismo em pequenas ações no dia a dia da UNIFESP, utilizando as Redes Sociais, através de uma Comunidade do Face Book denominada “Segredos Unifesp”. Segundo eles, esse seria o melhor meio de comunicação entre os discentes dos vários campi. Trata-se de uma comunidade existente desde dezembro de 2013, que já recebeu 5300 curtidas e que tinha no momento da oferta da UC RERCA 44590 “segredos”.

Os “segredos” consistem em postagens anônimas dos mais diversos temas, dentre eles denúncias, desabafos e discussões. O objetivo específico dos alunos era o de evidenciar os discursos racistas dentro da universidade e dar visibilidade aos mesmos, de modo a promover ações para a educação das relações étnico-raciais, e desse modo garantir a efetivação dos direitos humanos no que diz respeito ao direito de educação tanto no ingresso quanto na permanência na universidade.

“[RACISMO NA UNIFESP]

"Ele julga o caráter das meninas pela cor e acha que negras são fáceis"

"Ele diz que não consegue se concentrar na aula, pois tem muito preto na sala."

"Ele quer que coloquem um 'criolinho' para cuidar do estacionamento do campus."

Tenho ouvido muitas dessas frases racistas e outras aqui no campus tanto de alunos quanto de professores e queria saber se vocês já passaram por algo parecido, quais frases ou situações vocês já ouviram na facul?“(

Embora a postagem tenha sido visualizada por inúmeros membros, houve frustração, pois não obtiveram interação nem a favor, nem contra. A constatação de que o racismo é um assunto velado, de que nosso racismo à brasileira não permite falar abertamente sobre ele gerou discussão e de certo modo preocupação sobre como resolveriam o desafio (que também era a avaliação da UC) de fazer ecoar os

conhecimentos que estavam produzindo de forma colaborativa acerca das relações étnico-raciais.

A ideia de um trabalho contemplado todo o grupo desfez-se, uma vez que parte dele desejava aplicar novamente o “experimento”, porém de forma explícita, sugerindo o seguinte questionamento “O racismo já fez três vítimas fatais na UNIFESP, você sabia? O que você faz para mudar isso?” e outros grupos consideraram a sugestão inviável e trouxeram como inspiração algumas campanhas em redes sociais, sendo essa alternativa aceita por alguns dos estudantes, que arriscaram-se nessa empreitada, após consultarem o NAE e verificarem se poderiam utilizar a página deles para as postagens, tendo de imediato resposta positiva dos profissionais envolvidos no Núcleo.

Figura 7. Página do FaceBook com campanha que serviu de inspiração aos alunos do ICT



Não é objeto de discussão neste trabalho, discutir se o conteúdo desenvolvido pelos alunos foi ou não pertinente em sua totalidade, mas, os desafios de executar proposta com este teor em um campus de ciência e tecnologia manter o foco na ação que eles projetaram e nos objetivos que gostariam de atingir. Esse tipo de linguagem utilizada, chama a atenção, é provocativo, usa de humor, chega a ser paradoxal por apresentar estereótipos; o que gerou grande desconforto no desenvolvimento das atividades pedagógicas. Como, à medida em que iam criando as postagens (processo que foi realizado em sala de aula de forma colaborativa), foi possível acompanhar o contexto no qual surgiu cada uma das artes criadas com fins de postagem; havia discussão pertinente; a produção da campanha era a forma eleita por eles para sistematizar o aprendizado e caberia a mim, como responsável pela atividade pedagógica, validar o que estava sendo feito.

Figura 8. Imagens da campanha virtual





Os alunos foram orientados a pesquisarem, para que a cada uma das postagens apresentassem textos, recursos audiovisuais, músicas, enfim, material que eles próprios já haviam compartilhado uns com os outros, para que as postagens promovessem a reflexão daqueles que logo de cara estariam entendendo a campanha e para aqueles que não entendessem, tivessem como recurso uma explicação a mais, como por exemplo dados estatísticos contextualizados que demonstrassem como os memes, anedotas e frases racistas conseguem falsos argumentos para existirem e por essa razão é tarefa de todos desconstruir a todo momento.

Além da Campanha virtual proposta aos alunos; os alunos desenvolveram na semana do 20 de novembro. Algumas intervenções em alguns espaços da universidade, como no restaurante universitário e cantina, colocando discussões sobre estatísticas de forma interativa e móveis contendo fotos de cientistas e inventores negros do Brasil e do mundo. Os resultados dessas atividades foram avaliados na última aula da UC, alguns empecilhos como a qualidade da impressão somada ao momento de aplicação de avaliações decisivas que impediram o desenvolvimento dessas atividades conforme idealizaram (com Show de RAP e distribuição do Estatuto da Igualdade Racial) apontaram para a importância de que o NEAB local esteja desvinculado da oferta de matérias e que seja um grupo de pesquisa e que chame para si a co-responsabilidade de junto a demais órgãos da universidade, promover a educação para as relações étnico raciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



As dificuldades encontradas para executar todas as ações planejadas em nada desabona o grupo que foi o pioneiro a cursar a UC RERCA, o grau de envolvimento deles deixou como legado o não estranhamento das discussões sobre a questão racial, o engajamento em atividades culturais, esportivas e acadêmicas sobre a temática; além disso, o envolvimento de familiares e amigos nessas questões, como na criação de campanha para a constituição do acervo bibliográfico do NEAB, quando um dos alunos fez a doação do acervo de uma tia pesquisadora sobre a História da África, que enviou de Portugal mais de 70 títulos que darão origem à Biblioteca do NEAB no campus Guarulhos.

A pedido dos alunos a disciplina foi novamente oferecida no primeiro semestre de 2017, tendo agora X inscritos e já há pedidos dos alunos do noturno para que seja oferecida no próximo semestre no período noturno, contemplando também desse modo aos alunos matriculados no período integral.

Com o desmantelamento de políticas de promoção da igualdade racial que vinham sendo desenvolvidas nos últimos anos, duros golpes foram sentidos nos últimos dois anos, com impactos inclusive locais, onde a atual administração municipal fundiu a Secretaria de Promoção Social e Cidadania à qual abrigava a Diretoria de Igualdade Racial, hoje Secretaria de Apoio Social ao Cidadão. No âmbito da educação, tanto a básica quanto a de ensino superior também passa por mudanças nesse momento, que ameaçam a trajetória da Lei 10.639, como por exemplo a aprovação da “Reforma” do Ensino Médio, que embora seja apresentada à população como a oferta de cinco opções diferentes de formação ao jovem brasileiro, na prática, não de promover hiato no acesso ao ensino superior, privilegiando determinados grupos sociais e redesenhando a cara da universidade brasileira. Se em sua origem etimológica, latina, universidade vem de universalidade, totalidade, conjunto, comunidade; na prática, a perseguição dessa razão de ser, está em um momento complexo e de esperança escassa, que nos obriga, enquanto educadores a nos apegarmos às grandes e pequenas conquistas, como essa compartilhada nesse texto e a continuarmos lutando por um país mais justo e por nenhum direito a menos!



REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. Prefácio: A quebra entre o passado e futuro In: Entre o passado e o futuro. São Paulo, Perspectiva, 1979.
- SARLO
- BERND, Zilé. O que é Negritude. 1. ed. São Paulo, Editora brasiliense, 1988.
- BRASIL. Estatuto da igualdade racial: Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010, e legislação correlata. 4. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2015. (Série legislação, 171).
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- BRASIL. Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília. BRASIL. Lei 11.645/08 de 10 de Março de 2008. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.
- CHAUÍ, Marilena. Brasil Mito Fundador e sociedade autoritária. SP: Perseu Abramo, 2001.
- DAMATTA, Roberto. O que faz o Brasil? SP: Rocco
- FENELON, D. R.; CRUZ, H. F.; PEIXOTO, M. R. Introdução In: FENELON, D. R.; MACIEL, L. A.; ALMEIDA, P. R.; KHOURY, Y. A. Muitas Memórias, outras histórias. São Paulo: Olho d'água, 2005.
- FREYRE, Gilberto. Casa Grande e Senzala
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. SP: Cia das Letras, 1999.
- QUANTO Vale ou é por quilo? Direção de Sérgio Bianchi. Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio/Rio Filme & Agravo Produções, 2005. 1 CD (95 min). DVD, son., color. Dublado. Port
- QUE HORAS ELA VOLTA. Direção: Anna Muylaert. 2015.
- PINSKY, Jaime e ELUF, Luiz Nagib. Brasileiro é assim mesmo. SP: Contexto, 1998.
- RIBEIRO, Darcy. O povo Brasileiro a formação e o sentido do Brasil. SP: Cia das Letras, 1995

*Recebido em janeiro de 2017
Aprovado em março de 2017*